

A TELEPATIA NACIONAL



# A telepatia nacional

*Roque Larraquy*

*traduzido por*  
*Sérgio Karam*



*A escola dos psicofisiologistas, com Taine, C. Richet, A. Binet, P. Janet etc., admite atualmente que a escrita automática se produz em certos sujeitos, mas, longe de atribuí-la à intervenção de uma inteligência estranha, não vê ali mais do que a simples sintomatologia de uma enfermidade mental, uma separação da personalidade.*

*Nas pessoas que escrevem dessa maneira, produziu-se uma cisão de consciência, de modo que uma parte do Eu pensa de maneira distinta da personalidade normal e involuntariamente traduz esse pensamento por meio da escrita. Essa extravagante explicação foi imaginada depois de duas décadas, e essa segunda parte desconhecida da consciência ordinária ganhou os nomes mais diversos: Inconsciente, Subconsciente, Segunda Personalidade, Consciência Subliminar etc.*

Gabriel Delanne. *Investigações sobre a mediunidade*. Paris, 25 de fevereiro de 1900



*El perro se lame el ano y lame la mano del amo.<sup>1</sup>*

Trava-língua popular

---

<sup>1</sup> O cachorro lambe o ânus e lambe a mão do amo.



## UM

- 12 *Peruvian Rubber Company*
- 17 *Secretário de Amado Dam*

## DOIS

- 68 *Amado Dam*

## ANEXO

- 110 *Comissão de Telepatia Nacional*
- 112 *Presidente da Nação*
- 118 *Excelentíssimo presidente interino da nação*
- 122 *As alheadoras*



$U_M$

## *Peruvian Rubber Company*

*Iquitos, 5 de agosto de 1933*

Senhor Amado Dam, com estas referências me apresento ao seu serviço. Sou especialista em ciências da raça. Recruto índios na Amazônia peruana para a Peruvian Rubber Company desde 1902. Os índios trabalham conosco na extração de látex e borrachas silvestres.

Eu os procuro com um cartógrafo e uma equipe militar de doze homens que abrem caminho na mata cerrada à base de facões. Os índios vivem perturbados pelas moscas, picados. A selva é o único estímulo que se apresenta à sua experiência, e nunca viram o homem branco. Acreditam que os rifles saem de nossos braços, que somos mortos, ou animais com pele de porco e aparência humana, ou humanos deformados.

Apresentar-se diante deles de forma submissa, oferecendo comida, como faziam os primeiros recrutadores, é um erro que custou muitas vidas. Disparamos para o alto a fim de acentuar o medo do primeiro contato, o que nos salva a vida.

Em geral são pacíficos, mas há povos difíceis. Tive de apelar para a guerra com a tribo dos moenes, que faz emboscadas silenciosas e mata sem se deixar ver. Mantêm o pênis preso a um pequeno cordão de tecido atado à cintura, com os testículos bem à vista, às vezes decorados, e cultivam o sigilo do movimento entre as ramas, mas num descampado e cara a

cara conseguimos submeter uns cinquenta, dando um pontapé em cada um.

Oferecemos a eles a oportunidade de emigrar para o Norte ou trabalhar para a empresa.

No tempo que dura o traslado até a zona de extração, apresentamos aos índios palavras cristãs e um repertório de gestos novos. Apontar com o dedo aquilo que querem, não mostrar a língua, não se tocar.

Não contamos com mão de obra escrava. Pagamos-lhes com provisões de comida e roupa porque não têm ideia do que seja o dinheiro e quase não têm noção de propriedade, embora sejam dados ao roubo, como as hienas.

A Peruvian Rubber Company lhe proporciona aquilo que procura, nas condições de transparência e de acordo com as leis do Estado soberano do Peru exigidas pelo senhor. Acreditamos que o deixaremos satisfeito com o envio.

Lembramos-lhe que a Peruvian Rubber Company deixa de ser legalmente responsável pelos índios a partir do momento em que estes pisarem o solo argentino.

Conte conosco para futuras provisões.

Respondo ao questionário que recebemos do senhor sobre as características dos índios e as cláusulas do contrato entre os índios e o senhor.

Os índios que lhe envio são dezenove, doze homens entre quinze e trinta anos e sete mulheres em idade fértil. O grupo foi obtido na fronteira com o Brasil. Supomos, por serem parecidos, que há três irmãos varões e uma possível mãe, que recebe tratamento especial dos demais, mas não há modo de

comprová-lo, pois compartilham a semente viril como um bem comunitário.

No grupo havia um bebê de três ou quatro meses que preferimos deixar de lado, aos cuidados de outros índios estabelecidos nos seringais. Não era prudente incluí-lo na viagem. Os índios não deram pela ausência do bebê, nenhum deles lamentou.

Não temos gestos em comum, nem sequer o do cumprimento com a palma da mão levantada. Para se cumprimentarem, os peiras fazem uma careta cheirando os sovacos e caindo desmaiados por causa do cheiro. Outros mostram o ânus. Os araches, que são anões e vivem com os pés submersos, cobrem o rosto. Não identificamos um só desses gestos no grupo que lhe envio.

Não há nenhum som de seu idioma que evoque algo remotamente familiar. Chamou-me a atenção o fato de que não falam por falar, e que os diálogos mais longos são os que se seguem a um trovão ou qualquer outro fato fortuito que os faça despertar para a fala.

Uma característica desagradável, que o senhor desejará conhecer de antemão, é que não são capazes de reter a urina enquanto dormem. Isso não acarreta problemas em seu entorno natural, porque a urina é drenada pela terra, mas sim em superfícies impermeáveis. Os cérebros desenvolvidos produzem a ordem de despertar para esvaziar a bexiga, algo fundamental para a vida moderna. Esse grupo humano é dos mais primitivos que se poderia conseguir naquela zona, como o senhor pediu expressamente.

Conseguimos mantê-los isolados dos brancos e da palavra de Deus, como o senhor também pediu, mas foi impossível fazê-los entender a natureza requintada do contrato que o senhor propõe, pois para isso deveriam conhecer a ideia de lei, de país,

e antes disso a de diferença, da qual são incapazes devido à endogamia, mas entendem que não os obrigamos a vestir-se, nem os fazemos trabalhar, nem lhes pedimos nada em troca, salvo estar onde lhes dizemos para estar. A parte medular do acordo, portanto, foi entendida.

Desde que os encontramos, não fizeram rituais nem cerimônias. Eles nos mantiveram afastados de uma peça de madeira que parece uma concha ou a base de uma árvore. Arrastam-na para todo canto com uma negligência que parece inadequada para um objeto de culto, mas os deuses dessa gente do Amazonas, assim como suas consciências, são anteriores à forma, por isso a embalamos com especial cuidado e a acrescentamos ao lote solicitado pelo senhor, que passo a detalhar:

A referida suposta peça de culto.

Uma coleção de colares de contas.

Uma coleção de alfinetes nasais de madeira preta.

Uma humilde coleção de armas composta por duas lanças e uma zarabatana com cruces e linhas talhadas na superfície, realçadas com um pigmento preto, o mesmo que usam para tatuarem a pele, pigmento que não conseguimos obter porque não guardam nada, não conservam nada, comem com as mãos e bebem direto do chão. Isso também explica a total ausência de peças de cerâmica no lote.

Incluiu-se uma sacola de ossos que vão deixando por aí depois de comer, para que o senhor os estude a seu critério.

A viagem programada é a seguinte: a partir de Iquitos, por terra, cruzar a fronteira do Brasil, até Tocantins; de barco pelo Amazonas, até Manaus; baldeação para o navio *Sertões*, terceira classe, com paradas em Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro, Montevideu e entrega final em Buenos Aires, entre 22 e 30 de setembro. A duração estimada é de quarenta dias.

Por motivos pessoais de máxima urgência, estarei ausente no momento da entrega. Saiba desculpar qualquer inconveniente.

Seu,

D. Ontivero

Peruvian Rubber Company

P.S.: contamos com um grupo de negros africanos recém-chegados ao Brasil que talvez se ajustem às condições de seu inovador empreendimento. Se lhe interessa, não hesite em se comunicar conosco para organizarmos um novo envio.

## Secretário de Amado Dam

*Buenos Aires, 19, 20 e 21  
de setembro de 1933*

Chegaram os índios. Vou ao porto com Dam para recebê-los.

Dam pede que eu peça ao motorista que ande mais rápido. Desde que despediu o anterior, ele evita o diálogo direto, para não se apegar.

Ligaram do porto às seis da manhã. O navio chegou antes do previsto. Não deu tempo de tomar café ou de se pentear. Ao sair, encontramos o carteiro com o envelope ensebado da Peruvian Rubber Company, e Dam disse que preferia ler a carta no caminho, mas agora diz que o movimento do automóvel o impede de ler e pede que eu leia para ele.

Minha leitura é quase perfeita, salvo por uma hesitação inicial na pronúncia de *rubber*.

O conteúdo da carta o incomoda. Tiro da maleta o perfume mentolado que ele usa quando fede por estar nervoso. Dam levanta o pescoço sem me olhar e permite que o borrife com o perfume. Um pulo do automóvel sobre o pavimento desvia minha mão quando aperto o pulverizador. A nuvem de menta em seu rosto o faz tossir. Diz que sou um estúpido. É preciso abrir as janelas. Com o vento, a fragrância se dispersa na cabine e perfuma o motorista e a mim.

É a primeira vez que entro num navio. Seguimos o capitão até o porão. Também nunca tinha visto um capitão de perto.

Os índios fizeram a viagem trancados aqui embaixo, nessa pocilga. Uma decepção. Lembro ao capitão que o senhor Dam pagou para que os trouxessem em camarotes de terceira classe.

O capitão diz que não conseguiu hospedá-los na terceira classe porque não querem se vestir. Enfiou-os nesse porão, fez com que fossem atendidos. Em duas oportunidades, liberou o convés para que pudessem subir e ver o mar, mas eles não quiseram. Comeram a mesma comida que o resto da tripulação, e o capitão se arrepende desse gesto igualitário porque nos primeiros dias deixaram o porão coberto de excrementos. De qualquer maneira, fez com que os índios fossem limpos uma vez por semana, porque é um homem de bem e acredita que eles mesmos pediram isso com a mímica de um nado sob a água.

Dam pede que eu enumere para o capitão as deficiências no serviço pelo qual pagou. Improvizo: os índios não tiveram acesso aos mesmos serviços que o resto dos passageiros de terceira classe. Fizeram a viagem num ambiente sem janelas, mortos de frio, em condições sanitárias inaceitáveis.

O capitão repete *inaceitáveis* num tom brincalhão, como se minha voz tivesse uma nuance queixosa de mulher ou de invertido.

Aqui embaixo não estamos tão ofuscados quanto no convés. Enxergo melhor o capitão, vejo uma porção de índios sentados num canto do porão, as pernas sem pelos, os genitais. Têm tatuagens e incisões na base da nuca que descem ao longo da coluna e terminam nas nádegas. Com a luz artificial, parecem azulados.

Como explicamos a eles, sem uma língua comum e contra toda evidência, que não são prisioneiros nem estão a servi-

ço de ninguém? Bem-vindos, eu gostaria de lhes dizer. Talvez, se levantarmos os braços num gesto de abraço geral, entendam a ideia.

Esses índios não têm sobrenome. O funcionário da Imigração diz que não pode registrar sua entrada no país se não tiverem sobrenome. Mostra-nos os documentos de identidade com o nome original de cada um (Moé, Itete, Pirá, a lista inteira balbuciada) e um nome cristão entre parênteses, que, segundo os selos, é uma tradução fidedigna do primeiro. Itete, por exemplo, é Juan. Mas não existem sobrenomes. É por esse motivo que o pessoal da Imigração pode deixar os índios em quarentena junto a outros estrangeiros sem documentos.

Dam me diz que o embaixador do Peru ganhou fama de imprestável num baile de gala presidencial no Teatro Colón. Trocou algumas palavras com ele, é um bom homem. Pede que eu ligue para a Embaixada, que diga que estou ligando da parte do senhor Amado Dam, que exiba seu sobrenome, que o empunhe como uma espada contra a burocracia do Peru.

A espada, a burocracia. Já está com a cara que faz quando recupera o bom humor.

Por telefone, a embaixada do Peru promete um diagnóstico do problema e uma solução em menos de cinco horas.

Levam-nos ao quarto do Hotel de Imigrantes em que alojaram os índios. Dam mandou trazer uma pequena poltrona que viu na recepção do hotel e fez com que a arrastassem até uma janela.

Os índios não se voltam para nos ver nem reagem ao barulho da poltrona.

Dam diz que essa indiferença é um gesto bastante civilizado de confiança, porque entendem que não vamos lhes fazer mal.

Como poderiam sabê-lo? Para mim, é um gesto selvagem.

Dam se senta na poltrona e pede ao carregador que nos deixe a sós e feche a porta. Ele me convida a sentar no braço da poltrona. Quer ver se podemos dividir um mesmo espaço com os índios sem necessidade de proteção.

Lembro a ele que já contratei a agência de segurança Sánchez Jaruf & Irmãos há uma semana.

Dam toca em meu queixo. Esses turcos de merda deveriam ter nos escoltado ao chegar e estar conosco agora nesta sala, protegendo-nos, se eu realmente tivesse pensado num plano de contingência, quando está claro que não sou providente nem conheço a palavra contingência.

Não é verdade.

É ele, que devia estar fazendo outra coisa, quem se encarrega e cuida de nós dois.

Não houve jeito de se comunicar com a agência porque acabaram de se mudar para uma nova sede e ainda estão sem linha telefônica.

Eu não devia ter contratado uma agência sem telefone. Ele não entende por que motivo, dentre todas as opções que a cidade oferece, escolhi a mais rudimentar. Não estamos no Cairo. Menciona a quantidade exata de dinheiro que ganho por mês. Diz que não tenho faro para contratar ninguém, porque também fracassei com a companhia que mandou os índios ao deus-dará.

Seus olhos ardem, havia uma espécie de pó de pimenta no porão do navio. Pede que eu libere o braço da poltrona, ajeita-se nela e não olha mais para mim.

As soluções do embaixador do Peru levam umas três horas para chegar, por meio desta carta, e nós a recebemos na mesma situação, sem trocarmos uma palavra.

Pede que a leia para ele.

*Querido amigo senhor Dam, perceberá pelo tom que utilizo e pela ausência de papel timbrado oficial que esta carta expressa uma cálida vontade pessoal de proporcionar os meios necessários para a prontíssima solução do problema comunicado pelo senhor à Embaixada. Rogo que me desculpe por não comparecer pessoalmente e pelo alcance limitado das opções que lhe ofereço, sujeitas, como eu, às leis soberanas da República do Peru.*

*Os índios podem evitar a quarentena se permanecerem no território da Cidade de Buenos Aires com a anuência de um responsável legal de nacionalidade argentina. A regularização dos documentos não pode exceder dez dias úteis a partir de hoje, sob pena de deportação imediata.*

*Comprometo-me a fazer encontrar os sobrenomes que faltam nos casos em que tenham se perdido. Com a ajuda de Deus Nosso Senhor, talvez possa fornecer-lhe esses sobrenomes antes do prazo estipulado por lei.*

*Minhas mais cordiais saudações.*

Dam me pede para tomar notas. É preciso reprogramar o traslado dos índios até a chácara de Tandil no intervalo de duas semanas. O mais razoável seria ativar a calefação do refeitório do Frigorífico Dam e deixá-los ali, sem outras pessoas, na zona industrial de Hurlingham, mas fica fora da capital. Pelo bem do projeto, tudo se faz conforme a lei. Conforme a lei, ficou claro para mim? Por sua vez, está avaliando a ideia de levá-los conosco para seu apartamento na Recoleta. Parece-lhe uma boa

oportunidade para observá-los de perto e mantê-los protegidos. Conviver um pouco. Quer demonstrar ao Comitê que eles respondem positivamente, que são sensíveis à cortesia.

Mas não sabemos se têm essa sensibilidade.

Diz que nessas duas horas aprenderam a formar fila, sem ninguém mandar, e a cobrir-se com as mãos, e que aguentaram a espera como cavalheiros. São muito espertos. É preciso deixá-los na área de serviço, como Hunt fez com os igorotes.

Lembro a ele que Hunt tinha uma esposa filipina que podia se comunicar com os igorotes. Isso faz uma grande diferença.

Hunt já era viúvo quando levou os igorotes para Nova York. Não tenho de ficar falando tolices. E enquanto estiveram com ele, tudo andou bem.

Mas ele os levou para uma casa enorme, com jardins. Não os instalou num décimo andar na esquina da Callao com a Santa Fe.

Ele já decidiu. Vai trazer os índios conosco. Pede que eu peça às empregadas para desocupar a área de serviço. O Comitê não pode saber que estão em casa conosco, não antes de resolver o assunto dos sobrenomes. É preciso trazer o melhor expert em línguas para decifrar o idioma, tirar deles a informação mínima para pôr o projeto nos trilhos de novo. Certamente não tenho ideia de onde conseguir um expert como esse e ele mesmo terá de se encarregar disso, como sempre. O projeto inteiro em crise por culpa de minha imprevisão.

Como o acesso ao hotel está cheio de italianos e polacos de merda, não podemos levar o caminhão até a porta, e para chegar à avenida temos de atravessar a multidão com os índios nus em pelo. As mães brancas cobrem os olhos de suas crias. Os índios não olham para ninguém. Colaboram, entram mansos

no caminhão. Dam fala em meu ouvido que são mansos porque confiam em nós.

Para mim, é porque o caminhão está parado e acham que ele é parte do chão. É de se esperar que, ao se fechar, lhes pareça uma jaula, ou que, ao se movimentar, lhes pareça vivo. Pensar como eles é levar as coisas até sua mínima consistência, desandar, como dizia Hunt.

Agradece que eu queira pensar como os índios. O ideal, então, é que eu os acompanhe na parte de trás do caminhão, que “desande” com eles até a Recoleta, em igualdade de condições, como demonstração de humildade. Pensou em subir ele mesmo, como anfitrião, mas não há ninguém do Comitê para testemunhar. Se o fizesse, seria como se nunca o tivesse feito.

A arrancada do caminhão provoca uma vertigem geral, um intercâmbio de palavras como se fossem cuspidas entre duas das mulheres, suspiros, nada grave. Depois todos se calam, obstinados em seu encantamento, fechados.

Vejo a aranha tecendo as primeiras linhas de uma rede no teto do caminhão, em cima de meu assento. O trabalho da aranha me faz dormir. Eu, adormecido entre eles.

Sonho que sou mulher, e uma mulher mais moça me contrata como mesa auxiliar numa espelunca do porto, para que os clientes joguem cartas sobre mim. Acordo com o punho fechado e, ao abri-lo, vejo que a matei. Algo a atraiu, um resto de açúcar ou sujeira, um sabor do qual não pôde abrir mão.

O índio sentado perto de mim aponta para meu rosto e me diz algo. Não sei se são palavras. Inclina-se e procura meus olhos com a mão em forma de pinça. Ele acha graça de meu pulo defensivo. Os outros índios também riem.

Refletido no vidro da janela, vejo que estou de óculos. Estão inclinados, a ponto de cair. Parece que o índio quer endireitá-los. Pego-os a tempo, guardo-os no bolso outra vez. Puseram-nos em mim enquanto eu dormia. Não há outra explicação. Fico menos surpreso com a possibilidade de que tenham senso de humor do que com a delicadeza do furto, e com o fato de que tenham entendido que os óculos deviam ficar pendurados em meu nariz, quando é inegável, se desandamos, que a forma dos óculos não é imediatamente clara no que diz respeito a seu uso e posição.

Com um lenço, limpo a aranha de minha mão.

Deixamos os índios dormindo no caminhão para organizar a subida até o apartamento. Na entrada, os seguranças estão à nossa espera. Dam pede que enumere para eles as condições do trabalho pelo qual estão sendo pagos.

Devem zelar por nossa segurança e pela dos índios. Tentar não tocar neles. Dirigir-se a eles num tom respeitoso. Alimentá-los. Ter paciência com eles. Transportá-los quando necessário. Limpá-los.

Os seguranças propõem que os índios subam em grupos de três, pela escada, até o décimo andar.

Dam prefere fazer isso pelo elevador, para não alarmar os vizinhos. A capacidade máxima é de quatro pessoas, três índios mais um segurança. Pisca para mim e diz que é de se esperar que o elevador lhes pareça uma jaula ou que, ao entrar em movimento, lhes pareça vivo. É preciso subir com um balde, caso vomitem. Se se tornarem violentos, o próprio balde servirá como defesa.